



## MULHERES VERMELHAS: A ESCRITA MASCULINA SOBRE A MULHER COMUNISTA DURANTE A DITADURA CIVIL- MILITAR BRASILEIRA (1965-1985)

Dayane Rúbila Lobo Hessmann<sup>1</sup>

Recentemente, depois de um longo período de silêncio a mulher e as relações de gênero durante a ditadura civil-militar brasileira tem sido foco de atenção dos pesquisadores das Ciências Humanas. Especialmente com a metodologia da História Oral interessantes estudos foram e estão sendo realizados analisando a participação da mulher no período ditatorial. Estudos que mostram mulheres comunistas, militantes, guerrilheiras, que se posicionaram contra o regime direta ou indiretamente<sup>2</sup>. Por outro lado, são ainda escassos os trabalhos que abordam as mulheres que apoiaram, defenderam e colaboraram com a ditadura<sup>3</sup>. Todavia, é fato como afirma Marcelo Ridenti que no período que se estende entre 1964-1985 as mulheres ganharam espaço e notoriedade na cena política brasileira, seja pela luta contra ou a favor do governo ditatorial<sup>4</sup>.

Existe, como destacado anteriormente, uma série de trabalhos que priorizam a memória e o testemunho de mulheres sobre o seu papel social e as relações de gênero durante a ditadura no Brasil, entretanto, é interessante compreender como as mulheres eram vistas pelos homens de esquerda no período, e nessa direção, os testemunhos deixados por alguns militantes são elucidativos<sup>5</sup>. Também através de documentos do aparato informativo/repressivo pode-se ter uma boa idéia de como a mulher subversiva/comunista/militante era vista pelos órgãos de repressão<sup>6</sup>. O propósito deste texto segue neste mesmo sentido. Nosso intuito é analisar de que maneira um homem, militar do alto escalão dos órgãos de repressão, enxergava a mulher comunista. Para tanto,

---

<sup>1</sup> Mestranda em História do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CNPq. Email: d\_rubilla@hotmail.com

<sup>2</sup> Cf: COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. Ver também: MOREIRA, Rosemeri ; WOLFF, Cristina Scheibe . O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: Joana Maria Pedro; Cristina Scheibe Wolff. (Org.). **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010, v. 1, p. 138-155. WOLFF, Cristina Scheibe . A ditadura militar e a face maternal da repressão. **Espaço Plural** (Unioeste) v. X, p. 56-65, 2009. WOLFF, Cristina Scheibe. Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). **História Unisinos**, v. 13, p. 124-130, 2009.

<sup>3</sup> COSTA, A. A. A.; SANTANA, E. L. ; FREIRE, R. S. . As Mulheres e as Marchas da Família com Deus pela Democracia e pela Liberdade na Bahia. In: Alda Britto da Motta; Eulália Azevedo; Márcia Gomes. (Org.). **Reparando a Falta: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional**. Salvador: NEIM, 2005, v. 10, p. 135-151.

<sup>4</sup> RIDENTE, MS As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, 1990. pp.113-128.

<sup>5</sup> GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** 20 ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. GUARANY, Reinaldo. **A fuga**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Sirkys, Alfred. **Os carbonários**, São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1983.

<sup>6</sup> COLLING, Ana Maria. A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil... **Op. Cit.** pp: 93-112.



a fonte selecionada é o romance *Os Sete Matizes da Rosa* (1978) do general Ferdinando de Carvalho.

*Uma editora preocupada com o “perigo vermelho”*

A Editora Biblioteca do Exército (BIBLIEX), criada em 1891, se dedicou, especialmente após da “Intentona Comunista” de 1935, em publicar livros que retratasse o comunismo. As obras eram escritas por militares, contudo, destinavam-se também ao público civil. Nos períodos os quais Rodrigo Patto Sá Motta define como as ondas anticomunistas, o período entre 1935-1937, depois o início da Guerra Fria, entre 1946 a 1950; e por fim, a crise de 1964 que desencadeou o golpe civil-militar<sup>7</sup>, a BIBLIEX intensificou a produção e publicação de livros anticomunistas.

É preciso ter em mente que houve grupos e indivíduos que sinceramente acreditaram no comunismo como existência de um risco real. Realmente sentiram medo. Desse modo, mobilizaram-se e combateram por temor que os comunistas chegassem ao poder. Mas, por outro lado, também não podemos negar que houve uma manipulação oportunista do medo ao comunismo: o próprio estado, a imprensa, grupos e líderes políticos, órgãos de repressão e até mesmo a Igreja exploraram o anticomunismo. Pois, como lembra Motta, anticomunismo nesse período era tema garantido de venda, assim diversas editoras se dedicaram-se a publicar literatura anticomunista, notadamente traduções de autores estrangeiros, como a BIBLIEX. Dezenas de livros vieram à luz neste contexto, a maioria abordando as mazelas dos países anticomunista e/ou trazendo ensinamentos sobre os métodos para combater o comunismo. Muitos das obras tornaram-se best-sellers. Diante desse mercado anticomunista, Motta designou a expressão “indústria do anticomunismo”<sup>8</sup> referindo-se a exploração vantajosa do “perigo vermelho” por parte de organizações, jornais e editoras.

O anticomunismo nesse período, afirma Motta foi uma mistura de oportunismo, mas também convicção ideológica. Envolveu motivações diversas: temor a uma possível ascensão dos comunistas ao poder; rejeição a processos de mudanças sociais que iriam afetar valores tradicionais; desejo de constituir um aparato estatal autoritário, no intuito de reprimir a desordem e manter a estabilidade social a força. Motta ainda garante que após 1964, com a derrota do governo de Jango e a subsequente onda de perseguição esquerdista, o anticomunismo esfriou, enfraqueceu<sup>9</sup>. Não

---

<sup>7</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 12.

<sup>8</sup> **Idem**, p. 161.

<sup>9</sup> **Ibidem**, p. 281.



discordamos de Motta em relação ao temor comunista na sociedade civil ter abrandado, todavia, é preciso lembrar que o governo militar continuou durante praticamente todo seu mando a disseminar propagandas anticomunistas<sup>10</sup>. No meio policial civil e militar a preocupação com o comunismo permaneceu fortemente.

### *Um general combatendo o comunismo*

A obra analisada neste trabalho é exemplo que o anticomunismo no pós-64 não amainou. Pois, num período considerado pela historiografia como de abertura política, de ressurgimento dos movimentos sociais, um momento que o fim da ditadura se aproximava, observa-se livros que continuam a combater o comunismo e a defender o governo ditatorial, como o livro aqui abordado: *Os Sete Matizes do Rosa*<sup>11</sup> (1978), redigido pelo General Ferdinando de Carvalho.

O militar Ferdinando de Carvalho, autor ativo durante os anos ditatoriais, realizou uma parceria relevante com a Editora da Biblioteca do Exército. Publicou sete livros que tinham por tema norteador o comunismo. Em 1967 publicou *O Comunismo no Brasil*, com quatro volumes. Já no final da década de 1970 publicou mais dois livros, *Os Sete Matizes do Vermelho*, de 1977 e *Os Sete Matizes da Rosa* de 1978. No início dos anos 1980 foi editado seu último livro em parceria com a BIBLIEX, *Lembraí-vos de 35*.

Ferdinando de Carvalho nasceu em 12 de agosto de 1918. Em abril de 1937 entrou para Forças Armadas na qualidade de praça, seguindo daí em diante a carreira militar. Consta que Ferdinando de Carvalho realizou cursos na Escola Superior de Guerra no início da década de 1960, e durante o período ditatorial brasileiro pertenceu à alta hierarquia do Exército Brasileiro, primeiro como coronel que chefiou o Inquérito Policial Militar<sup>1</sup> (IPM 709), que investigou o comunismo no Brasil. Na década de 1970, tornou-se general<sup>12</sup>.

Antes de publicar a obra que nos interessa aqui, o general editou *Os Sete Matizes do Vermelho* (1977), livro que possui 166 páginas, dividido em doze capítulos, na verdade, são doze crônicas que narram os aspectos cotidianos dos comunistas, suas características, suas formas de ações, seus pensamentos. A narração, ao mesmo tempo, se dá na primeira e terceira pessoa. As histórias contadas neste livro são, conforme Carvalho, um misto entre ficção e realidade. Pois o

<sup>10</sup> REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de legitimidade (1964- 1984)*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

<sup>11</sup> CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1978.

<sup>12</sup> Informação encontrada no site “Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. In: <http://www.adesg.org.br/portal/features/turmas-esg/93-turma-de-1962>. E também no *Almanaque do Exército para 1970*, organizado pelo Ministério do Exército.



autor se utilizou das suas experiências como chefe do IPM 709 para compor seus personagens e o enredo. O autor afirma que havia decidido “não mais escrever sobre esses assuntos que o repugna”, porém ao constatar que ainda “há muita ignorância sobre o comunismo”, resolveu escrever o livro para mostrar a “triste crônica da farsa comunista, desejoso de prevenir aos que estão desavisados das perversidades humanas, escondidas detrás do fanatismo e do misticismo ideológico”<sup>13</sup>. O autor deixa claro o que moveu sua escrita: as paixões, os sentimentos. Carvalho utilizou o verbo “repugnar” para se referir ao comunismo. Repugnar é um verbo que indica sentimento, um asco ou aversão por alguém ou por alguma coisa. Portanto, era nojo, repulsão que o autor sentia, e foram esses sentimentos que o moveram para escrever o livro. É interessante perceber a relação entre os afetos e as ações<sup>14</sup>, pois foi o sentimento de Carvalho que o levou a escrever contra os comunistas, ou seja, levou-o a uma ação.

Em *Os Sete Matizes do Vermelho* a mulher comunista definitivamente não é a preocupação do autor, não é o gênero principal do romance. Tanto é que a mulher comunista só aparece em uma crônica, ainda assim como personagem secundária. São homens comunistas, militantes, guerrilheiros que percorrem as páginas de seu romance. Todavia, no livro que dá sequência *Os Sete Matizes do Rosa* as mulheres ainda que não sejam o foco principal da obra, aparecem mais, mesmo que nas entrelinhas. Portanto, é preciso deixar claro que a obra analisada aqui não foca nem prioriza a ação da mulher comunista (ou não comunista), destaca o papel masculino no combate a ditadura. Desse modo, é nas entrelinhas do discurso que encontramos as mulheres “vermelhas”<sup>15</sup>.

Conforme a Editora BIBLIEX *Os Sete Matizes da Rosa* (1978) “completa o outro (*Os sete Matizes do Vermelho*), suplementando-o; integrando-o, superando-o”<sup>16</sup>. Com total de 204 páginas e 11 capítulos que narram os diferentes tipos de subversivos existentes como “os criptocomunistas”, “os inocentes-úteis”, “os simpatizantes”, “os colaboradores”, etc. Trata-se também de crônicas que mostram os usos e costumes “dessa ideologia contrária as tradições, [...] sua maneira de agir, sua atuação, seu modo de proceder, os argumentos de que se vale para expor suas idéias”. Portanto, seu foco são os “ativistas vermelhos”. Também, a narração se faz em primeira e terceira pessoa.

### *Um general e as mulheres “vermelhas”, “rosas”...*

<sup>13</sup> CARVALHO, Ferdinando de. **Os Sete Matizes do Vermelho**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1977. p. 31.

<sup>14</sup> ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: **HISTÓRIA: questões e debates**. Curitiba, PR: Ed. Da UFPR, v.1, n.1, 1980.

<sup>15</sup> Observa-se também que a mulher comunista não é foco de outros romances que tratam do comunismo.

<sup>16</sup> CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. **Op. Cit.**, (Apresentação).



É interessante observar a relação que o autor fez entre as cores e os militantes políticos. Como “vermelhos” Carvalho identifica todos os comunistas, filiados ao Partido Comunista e militante ativo. Já como “rosas” que é uma cor intermediária entre o vermelho e o branco, o general qualifica os “indivíduos coniventes e cúmplices dos bolcheviques”<sup>17</sup>, simpatizantes da causa comunistas, os colaboradores, os oportunistas, os inocentes-úteis, enfim, todos aqueles que de uma maneira ou outra se identificam com o comunismo direta ou indiretamente.

Desse modo, as personagens femininas que o autor apresenta em seu texto são por ele classificadas como “vermelhas”, “rosas”, “coloridas”, “neutras”. Em 11 capítulos, composto por crônicas distintas, em 6 verifica-se uma menção a mulher. No capítulo terceiro intitulado “os oportunistas” o autor narra a história do deputado Salomão Nelino, indivíduo que segundo ele, se associou a ação partidária comunista por interesses pessoais, a fim de receber favores e prestígio. É nessa crônica que aparece a primeira mulher no romance. Curiosamente é amante que o deputado mantia. Mais interessante ainda é a nacionalidade da acompanhante, uma cubana. Assim o autor narra à passagem:

Quando subiu para vestir-se, encontrou a amante já sentada diante do complicado toucador, em sua prolongada “toilette” matinal.

Vamos descer, avisou, beijando-a no ombro ebúrneo.

“No”, disse ela. Eu fico. “No” suporto o “Verón” no Rio.

Ele sorriu. Apreciava o seu gracioso e delicado sotaque castelhano.

“Foi a melhor coisa que importei de Cuba”, costumava declarar. E essa importação acarretava-lhe a necessidade de complexas manobras para conciliar as suas responsabilidades de conspícuo chefe de família com a manutenção cara daquele ser adorável e voluntarioso<sup>18</sup>.

Averigua-se que se trata de um homem casado, pai de família que matem uma relação extraconjugal, o que era até então totalmente aceito no universo masculino, tanto o é, que em momento algum o autor criticou ou achou estranho a atitude de infidelidade do deputado. Revela-se ainda na fala do general Ferdinando de Carvalho que a amante era mantida financeiramente por Salomão Nelino, ou seja, ele sustentava a moça em troca de carinho. Assim, no limite, o autor caracteriza a moça cubana como uma prostituta, na medida em que existe uma troca consciente de favores sexuais por interesses financeiros. A escolha por uma amante (prostituta) de Cuba, país comunista é bastante elucidativa, uma vez que evidencia a ideia da direita conservadora do período ditatorial de que as mulheres de Cuba e da União Soviética eram prostitutas.

Nas próximas quatro outras crônicas que as mulheres aparecem não são estas “vermelhas”, mas, talvez “brancas”, a cor da luz, cor pura, que representa a pureza, uma cor protetora, que traz

---

<sup>17</sup> *Idem*, p. 11.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 50.



paz e tranquilidade. Tais mulheres são mães, esposas, senhoras respeitáveis e de família, que tem a religião como orientação para a vida. Assim o autor narra sobre estas mulheres:

Casara-se com Maria Aparecida, escritora primária, que era o esteio da casa. [...] Ela pedia-lhe que não se envolvesse em política. Era muito católica e não faltava as missas nos domingos<sup>19</sup>.

Conceição, minha mulher, é muito católica. No princípio tentei convertê-la. Mas ela resistiu [...] Ninguém conseguirá convencê-la de que Deus não existe e de que Jesus foi um homem como outro qualquer<sup>20</sup>.

Dona Marta, a esposa do Coronel, serviu uma xícara de café e logo retirou-se<sup>21</sup>.

Ao chegar em casa, esperavam-no a esposa e os filhos ansiosos. A mulher o abraçou com lágrimas nos olhos.<sup>22</sup>

Nota-se assim, que a maioria das mulheres que permeiam o romance *Os Sete Matizes do Rosa* são mulheres que tem seu lugar bem delimitado, o lar, o espaço privado. São donas-de-casa, esposas, mães. Mulheres que tem como cerne de suas vidas a figura masculina, vivendo para eles, os servindo, os amando, os obedecendo. Modelos de mulheres dos “anos dourados”<sup>23</sup>, que mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho, da grande quantidade mães solteiras e chefes de lares, continuavam ainda em meados da década de 1970 presentes no imaginário, e certamente nos modelos de mulher e de família que cercavam o general Ferdinando de Carvalho.

No discurso e na visão de um militar, pai, marido, homem religioso que prezava pelos valores tradicionais, a mulher só tinha sentido dentro da família, através do lar, do marido e dos filhos. A mulher na visão de Carvalho tinha de ser carinhosa, religiosa e obediente. Na ótica do autor a mulher não gostava e nem se interessava por política. Ao que parece, para ele, a mulher era menos propensa a se envolver com o comunismo, por seu forte envolvimento com a religião.

A última mulher que o autor menciona no romance é a estudante Rosa Maria de Almeida. Uma “ativa e sincera comunista”<sup>24</sup>. Todavia, os membros do partido tinham dúvida em relação a sua fidelidade à causa comunista, na medida em que o partido determinou que ela terminasse com o namorado “reacionário”. Assim narra o autor: “Rosa Maria obedeceu, mas sentimos que o fez muito constrangida. É difícil dizer até onde vai a sua fidelidade partidária, diante de seus sentimentos de mulher”<sup>25</sup>. Aqui a segunda “mulher vermelha” retratada pelo autor parece estar “mudando de cor”. Pois, na perspectiva do general o amor de uma mulher por homem é mais forte que o amor por uma causa ou um partido. Mais uma vez o autor qualifica a mulher como um ser que nasceu para amar o homem; uma mulher sem vontade e pensamentos próprios.

---

<sup>19</sup> **Ibidem**, p. 77.

<sup>20</sup> **Ibidem**, p. 101.

<sup>21</sup> **Ibidem**, p. 140.

<sup>22</sup> **Ibidem**, p.188.

<sup>23</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: Mary del Priore. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997.

<sup>24</sup> CARVALHO, Ferdinando de. **Os Sete Matizes do Rosa**. Op. Cit., p. 196.

<sup>25</sup> **Idem**, p. 196.



Em todo o romance diversos personagens homens comunistas são retratados. A eles estão reservados toda a ação, eles são sujeitos ativos. Combatem, pegam em armas, participam de reunião, são líderes, assaltam bancos, vão presos, são torturados. São homens “vermelhos”, ou “cor-de-rosa” que não mudam de idéia e convicção por amor ou religião. Já as mulheres, não são protagonistas, antagonistas ou tem qualquer papel de destaque em nenhuma das muitas histórias sobre a subversão narradas pelo autor.

É interessante que as histórias contadas pelo general são, segundo ele, baseadas nos inquéritos policiais que ele comandou. Sendo assim, é óbvio que ele sabia que havia mulheres militantes, ativas, que participaram dos movimentos de esquerda e de resistência no Brasil durante a ditadura. Pois, ainda que, como apontam as pesquisas, as mulheres eram em número muito inferior à participação masculina, é fato que a mulher atou na cena política brasileira do período. Assim, ao não colocar a mulher como comunista, militante, combatente e ativa em nenhuma de suas crônicas o autor desqualifica a mulher como ser político, restringindo-a somente ao espaço privado.

Verifica-se, em última instância, o machismo do autor, pois a história do comunismo, ou melhor, do combate ao comunismo, travada por ele é uma história dos homens, a mulher militante política não é encarada como sujeito histórico, sendo excluído do jogo de poder. Desse modo, as “mulheres vermelhas” facilmente sofrem uma metamorfose, variando de cores, tornando “mulheres rosa”, brancas, sem cor.

### *Bibliografia*

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: **HISTÓRIA: questões e debates**. Curitiba, PR: Ed. Da UFPR, v.1, n.1, 1980.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: Mary del Priore. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997.

CARVALHO, Ferdinando de. **Os Sete Matizes do Vermelho**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1977.

CARVALHO, Ferdinando de. **Os Sete Matizes do Rosa**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1978.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

COSTA, A. A. A.; SANTANA, E. L. ; FREIRE, R. S. . As Mulheres e as Marchas da Família com Deus pela Democracia e pela Liberdade na Bahia. In: Alda Britto da Motta; Eulália Azevedo; Márcia Gomes. (Org.). **Reparando a Falta: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional**. Salvador: NEIM, 2005, v. 10, p. 135-151.





MOREIRA, Rosemeri ; WOLFF, Cristina Scheibe . O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: Joana Maria Pedro; Cristina Scheibe Wolff. (Org.). **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010, v. 1, p. 138-155.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de legitimidade (1964- 1984)**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

RIDENTE, MS As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, 1990. pp.113-128.

WOLFF, Cristina Scheibe . A ditadura militar e a face maternal da repressão. **Espaço Plural** (Unioeste) v. X, p. 56-65, 2009. WOLFF, Cristina Scheibe. Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). **História Unisinos**, v. 13, p. 124-130, 2009.